



**“A
homossexualidade
não era uma coisa
que eu estava
disposto a aceitar”:
narrativas de um
estudante negro, gay
e de classe popular¹**

**"Homosexuality was
not something I was
willing to accept":
narratives of a black,
gay and popular
class student**

Rita de Cassia Santos Côrtes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
ritalice@yahoo.com.br

Marcos Lopes de Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
markuslopessouza@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i7.5137>

¹ Este trabalho é um fragmento da dissertação de mestrado desenvolvida pela autora do texto com

RESUMO: O trabalho, em sua íntegra, foi realizado tendo como entrevistado um jovem que se autodenomina gay e negro, oriundo do Rio de Janeiro, de classe social baixa, estudante de uma escola pública do ensino médio regular, situada em uma periferia de um município localizado no interior da Bahia. Na tessitura que segue, enfatizamos os marcadores sociais de gênero/sexualidade e raça/etnia. Esses marcadores apresentaram-se como desconforto para o sujeito entrevistado, visto que não atendem às caracterizações e práticas determinadas pela heteronormatividade. Assim, constatamos que há um olhar hierarquizante e verticalizado envolvendo identidades outras assim como possibilidades de vivências afetivas e sexuais diferentes daquelas determinadas pelas normas sociais.

Palavras-chave: gênero; marcadores étnicos; diversidade sexual; estudante.

ABSTRACT: The work, in its entirety, was conducted by interviewing a young who calls himself a gay and a black student from Rio de Janeiro, a low-income social class student from a regular high school public school located on the outskirts of a municipality located in the interior of Bahia. In the following text, we emphasize social markers of gender / sexuality and race / ethnicity. These markers presented as discomfort for the subject interviewed, since they do not meet the characterizations and practices determined by heteronormativity. Thus, we find that there is a hierarchical and vertical view that involves other identities as well as possibilities of affective and sexual experiences different from those determined by social norms.

Keywords: gender; ethnics markers; sexual diversity; student.

orientação do coautor. A pesquisa foi desenvolvida com recursos da própria pesquisadora.

Introdução

Este artigo discorre sobre algumas situações vivenciadas por Renato, um estudante do ensino médio, autoidentificado como gay, negro e de classe popular. As experiências narradas dizem sobre sua vida, suas dificuldades desde muito cedo com a família e com os/as colegas de escola pelo fato dele ser visto como efeminado. Neste texto também são elencadas as tensões sobre o se assumir como gay e a vinda da capital do Rio de Janeiro para Jequié-BA. Ao trazer à tona as experiências de Renato, estamos potencializando as vozes marginalizadas de muitos jovens homossexuais, negras e negros de classe social pobre e que cotidianamente lidam com preconceitos e discriminações pautadas nos discursos hegemônicos.

Algumas pesquisas^{2, 3} discorrem sobre a trajetória de estudantes gays mostrando que as experiências escolares desses sujeitos são marcadas por violências advindas de piadas preconceituosas e assédios morais e físicos. Porém, também houve registros de negociações para a socialização dessas pessoas nesses espaços de educação formal. No geral, a escola é caracterizada como um lugar de contradições, onde se desencadeiam conflitos e tensões, reservado às pressões que reiteram o padrão heterossexual, apontando um espaço marginalizado para as homossexualidades, mas, em alguns momentos de possibilidades de convivência.

Ao narrar suas experiências escolares, os sujeitos estão relatando seus dissabores e suas lutas cotidianas para permanecerem na escola e avançarem na educação escolarizada. Ao trazer as vozes desses sujeitos para o debate, os/as pesquisadores/as privilegiam questões minoritárias, que necessitam ser pensadas, visto que, como o espaço escolar adota práticas heteronormativas, a inclusão do homossexual nas atividades escolares conduz a escola à desestabilização das compreensões sobre sexualidades e gênero.

Outra pesquisa⁴ realizada com dois homens gays a fim de compreender de que maneira estudantes homossexuais são excluídos do ambiente escolar, o autor usou a categoria “exclusão branda” para demonstrar que as vivências nas escolas por pessoas homossexuais são tão marcadas por preconceitos e discriminações que eles acabam se sentindo em um não-lugar, o que, muitas vezes, favorece o abandono escolar ou evasão, termos empregados pelo poder público. Nesse sentido, reforça o pesquisador, a escola não expulsa diretamente, mas, por meio de todas as formas de violência, constrói estratégias para eliminar tais sujeitos desse ambiente.

² RAMIRES NETO, Luiz. *Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo*. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo. 2006.

³ SILVA, Fernando. Guimaraes Oliveira da. *Vozes (des)veladas... Memórias de homossexuais sobre práticas escolares*. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 2015.

⁴ CORREA, Lisete Bertotto. *A exclusão branda do homossexual no ambiente da escola*. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003.

Diante desses trabalhos já realizados, buscou-se compreender como outros marcadores sociais afetam as vivências das homossexualidades. Assim sendo, neste artigo analisaremos os processos de vivência da homossexualidade de um estudante gay, negro e de classe popular.

Percurso metodológico

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, inserindo-se em estudos pós-críticos e tem a intenção muito mais de levantar questionamentos do que trazer respostas definitivas. Não se ampara em uma verdade, ao contrário, concebe-a no plural e relacional, questionando-a. Assumir esse posicionamento pode causar desconforto em muitos/as estudiosos/as e pesquisadores/as que pensam a ciência como uma verdade absoluta e universal, que não aceitam problematizações relacionadas às minorias, às desestabilizações das concepções sociais normatizadoras, às desconstruções dos discursos dominantes e, podem até perguntar: Isso pode ser considerado como pesquisa? Aqueles e aquelas que se atrevem a mergulhar nesse mar de incertezas podem responder com tranquilidade: É um novo olhar científico que se tem sobre o mundo e os fenômenos sociais nele produzidos; é uma nova fase da ciência que não pode mais ser pensada como se as pessoas fossem réplicas de outras; é o olhar que problematiza, desestabiliza, provoca a linguagem, oferecendo um leque de possibilidades para o/a pesquisador/a caminhar.

[...] como uma abordagem teórico-metodológica flexível, inserida em contextos específicos que falam das micropolíticas que constituem e são constituídas pelos discursos dominantes de nossa sociedade, na qual a subjetividade do/a pesquisador/a é uma ferramenta a serviço da investigação, um exercício simultaneamente rigoroso e político permeado pelas relações de poder que pretende estudar.⁵

Esse novo saber se volta para demandas específicas e se propõe a resgatar a subjetividade humana do/da pesquisador/pesquisadora porque leva em consideração que esse sujeito tem um lugar de fala, portanto, há uma recusa de pensar que existe neutralidade na escolha e processo da investigação.

Como já relatado, este trabalho foi realizado com Renato, estudante de uma escola de periferia no interior baiano, em que a primeira autora deste artigo atua como professora. De início o intuito era realizar a pesquisa com mais garotos gays negros e que estivessem frequentando a escola, todavia, outro estudante que também era negro e gay recusou participar do trabalho, pois

⁵ GASTALDO, Denise. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teórica metodológica nos estudos pós-críticos. In: MEYER, Dagmar Estermann e PARAÍSO, Marlucey Alves (orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Maza Edições, 2014.

não queria expor essas questões em um trabalho acadêmico. Ao ir a campo constatou-se que, embora muitas pessoas assumam e vivam abertamente suas sexualidades não-normativas, algumas vezes elas preferem não compartilhar suas experiências com sujeitos que não lhes são tão próximos, ou preferem que suas vidas não sejam, de alguma maneira expostas, que não tenham seus sentimentos e segredos desvelados.

Ser pesquisadora nas questões de sexualidades, gênero e etnia/raça, requer cuidados, sensibilidade e firmeza no caminho em que se está adentrando, pois é andar em um terreno de areia movediça em que não se sabe até onde esse chão vai se mover e quais (des)caminhos serão percorridos. Quanto ao sujeito que aceita participar voluntariamente dessas investigações, pode-se dizer que ele/ela está realizando uma entrega de seu tempo, de suas palavras, de suas fragilidades e frustrações. Pode-se até afirmar que a coragem é uma qualidade que se destaca com maior intensidade nesse sujeito do que na pesquisadora, pois nessa entrega ele está atribuindo a ela muita confiança a cada entrevista cedida, visto que suas experiências serão evidenciadas, compartilhadas. Assim, já que o outro estudante recusou em participar voluntariamente do estudo investigativo, optou-se por um estudante, porém, ressalta-se que suas experiências foram enriquecedoras. A partir de então caminhamos juntos para que essa tessitura se efetivasse.

O campo empírico acrescentou outras categorias no trabalho como a de classe social, elemento que possibilitou um entendimento mais amplo sobre o universo em que ele está inserido, ao mesmo tempo em que essa categoria demonstra outra particularidade em comparação às pesquisas já realizadas sobre as homossexualidades. A emergência desse novo elemento torna este trabalho investigativo mais enriquecedor, me autorizando a situá-lo na interseccionalidade envolvendo sexualidade, gênero, etnia/raça e classe.

Cautelas, dúvidas e incertezas na escolha da metodologia investigativa e para a análise das informações construídas começaram a adquirir relevo quando eu me interrogava qual o melhor caminho para buscar compreender os discursos que emergem nas experiências de um estudante homossexual negro. A incerteza e dúvida “podem se constituir numa espécie de gatilho para qualquer investigação, podem ser exercitadas ao longo de um estudo e, desse modo, estimular a atitude de busca continuada do conhecimento”⁶. Reconheci, logo de imediato, que não seria tarefa muito fácil exercitar movimentos para a execução do trabalho a que me propus realizar, visto que a minha investigação tratava de elucidar narrativas fincadas nas experiências de vida durante o percurso escolar que, de alguma forma haviam marcado esse garoto, o que simultaneamente com

⁶ LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... *Educação, Sociedade & Cultura*. Nº 25, 2007. p. 235-245.

elas viriam as emoções e sentimentos, afinal, somos sujeitos biopsicossociais.

Para realizar o trabalho com Renato, escolhi como instrumento de produção do material empírico a entrevista narrativa. A escolha pela entrevista narrativa deu-se pelo fato de compreender que esta ofereceria melhores possibilidades no processo de investigação, de modo que o entrevistado estivesse desprendido para contar os fatos e acontecimento de sua vida escolar com maior desenvoltura, narrando-se, sem que houvesse extensos interrogatórios⁷. Minha intenção com o entrevistado era no sentido de ouvir mais e falar menos, saber de suas experiências vividas na escola, a relação com os demais atores sociais que compunham a comunidade escolar e, nesse caso, a metodologia seria favorável, já que ele estaria narrando, contando histórias sobre si mesmo.

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.⁸

A narrativa não se restringe apenas ao ato de informar, mais que isso, ela envolve o narrador e este dá sentido às suas experiências, às suas trajetórias, seus (des)caminhos. É sobre esse encontro da pesquisadora com um sujeito que se disponibilizou a contar suas experiências que relatamos neste texto. À proporção que ele ia dando um significado especial às suas vivências por meio das narrativas, ao mesmo tempo ressignificava suas experiências, revivia o passado com os olhos do presente pensando nas verdades construídas e nos discursos que o produziam.

Foram realizadas três entrevistas narrativas com Renato durando cerca de, 90 minutos cada uma delas. Antes de iniciar essa fase, houve uma conversa informal e, pensando em deixá-lo à vontade para se narrar, foram negociados o local, dias e horários em que tais procedimentos pudessem ser realizados e ele sugeriu um ambiente em que não houvesse movimento de pessoas e outros ruídos para que as discussões ocorressem sem interrupções. A única ressalva feita pelo entrevistado é que não gostaria que fosse em um lugar público. Ao sugerir que poderia ser na residência da primeira autora deste trabalho, ele aceitou de imediato. Acredito que a preferência pelo local se deu pelo fato de morar sozinha, ao contrário dele que é jovem e mora com a mãe e mais quatro irmãos, assim, em um ambiente tranquilo não havia o risco de interrupções e ele não se sentiria retraído em enunciar suas narrativas. Foi apresentado a Renato o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi lido, discutido minuciosamente e assinado por

⁷ JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER; Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

⁸ Idem, p. 91.

Renato, a autora e coautor (também orientador) deste artigo.

Após essa apresentação do caminho metodológico da pesquisa serão apresentadas algumas análises da pesquisa tomando como parâmetro as construções da homossexualidade em um estudante negro, gay e de classe popular.

As construções identitárias de Renato: ser preto, viado e pobre

As discriminações se organizam imbricadamente e tais processos se estendem a outras categorias quer por vias da hierarquização ou pela segregação das normas sociais, conjuntamente, por isso a denominação interseccionalidade⁹. A discriminação se alia a outras em uma pessoa ou grupos de pessoas. No caso de Renato, estudante que participou da pesquisa, além da discriminação por orientação sexual, por ser gay, ele também vivenciava a discriminação por conta da sua raça e etnia e classe social. Os estudos que utilizam da interseccionalidade entendem que lidamos com grupos sobrepostos. As sobreposições podem ser entendidas como realces que marcam mais os sujeitos em suas características e, simultaneamente apresentam hierarquizações.

Renato é nomeado por algumas pessoas como preto, viado e pobre. Essas três categorias sociais afastam Renato do referencial da norma como pessoa: o pertencimento étnico, a orientação sexual e a classe. São inscrições que o posicionam na zona fronteira da referência social, e esse encadeamento de identidades são anunciadas por outras pessoas e não por ele mesmo. Não se trata de uma autoidentificação, mas uma identificação atribuída por outros sujeitos que, além de perceberem a pessoa nomeada como diferente, fora do padrão, esses sujeitos ainda se sentem autorizados a nomeá-lo.

As atribuições que são apresentadas ao jovem possuem a finalidade de lembrá-lo que ele é um ser que está à margem da sociedade, ele é um ser abjeto, porque é “preto, viado e pobre. Nesse sentido, as denominações podem ser consideradas xingamento. Além desses marcadores, outros se evidenciam em Renato ao anunciar que nasceu no Rio de Janeiro, é morador da periferia, e estudante de escola pública, atribuições feitas pelo próprio sujeito. As expressões empregadas como xingamento além daquelas mencionadas pelo próprio entrevistado no sentido de se identificar são interessantes para discutir sobre o fenômeno da etnicidade, elemento que vem sendo muito debatido nas ciências sociais a partir da década de 1970, não havendo um consenso sobre um tema tão polêmico que apresenta divergência de pensamentos, mas possibilita pensar no conjunto de identidades presentes em cada sujeito, dada sua dinâmica no grupo étnico ou

⁹ CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Cruzamento: raça e gênero*. s/d. p. 7-16.

comunidade étnica em que está inserido, além de observar conjuntos de práticas tradicionais, sinais diacríticos, assimilação com outros grupos, manutenção das origens, ou mudanças de práticas, dentre outros:

Estudar a etnicidade consiste, então, em inventariar o repertório das identidades disponíveis em uma situação pluriétnica dada e descrever o campo de saliência dessas identidades nas diversas situações de contato. E dos estratagemas que acionam para se safarem do jogo das relações étnicas. Entre essas táticas figuram especialmente a alternância de identidades (*identity switching*), o domínio da impressão e os processos de *altercasting* que permitem atribuir um papel étnico ao outro¹⁰ (grifos dos autores).

As atribuições feitas a Renato, além de suas autoatribuições se constituem como um dos problemas do domínio da etnicidade, como denominado de “atribuição categorial pela qual os atores se identificam e são identificados pelos outros”¹¹. Assim, quando o sujeito se autodefine, ocorre uma atribuição endógena e quando ele é definido pelo outro ocorre a atribuição exógena, no entanto, “a identidade étnica nunca se define de maneira puramente endógena”, ao contrário, “ela se constrói na relação entre a categorização pelos não membros e a identificação com um grupo em particular”¹². Nesse sentido de atribuir-se ou de ser atribuído, é necessário entender que “é esta a relação dialética entre as definições exógena e endógena da pertença étnica que transforma a etnicidade em um processo dinâmico sempre sujeito à redefinição e à recomposição”¹³. Sobre esse processo dinâmico em que se insere a etnicidade, há ainda a acrescentar que:

a etnicidade é uma entidade relacional, pois está sempre em construção, de um modo predominantemente contrastivo, o que significa que é construída no contexto de relações e conflitos intergrupais. A forma contrastiva que caracteriza a natureza do grupo étnico resulta de um processo de confronto e diferenciação.¹⁴

Ao ser definida como relacional, podemos crer que a etnicidade não é algo estável, ao contrário, é transmutada e (re)construída na emergência do contexto temporal, social e local, se a entendermos, conforme citado acima, que ela está condicionada às práticas culturais de um determinado grupo, onde ocorrem as relações de convivência por meio das construções de normas estabelecidas. Há ainda que salientar a etnicidade quando dois grupos distintos passam a ter contatos frequentes, visto que suas práticas culturais podem vir a ser compartilhadas e, também

¹⁰ POUTGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: editora UNESP, 2011.

¹¹ Idem.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem.

¹⁴ LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em 30 março 2017.

não aceitas por um desses grupos que não deseja interferência ou mudança em suas culturas, possibilitando em situações de conflitos.

No caso citado nesta tessitura, o sujeito faz parte de um grupo que não é bem visto pela sociedade, pelo fato desta já ter construído normas sociais que pensam de que maneira devemos ser. Podemos pensar ainda que as atribuições presentes em Renato são simultaneamente categorias de cunho nativo e analítico¹⁵. A concepção nativa refere-se à autoatribuição e a concepção analítica refere-se à atribuição exógena. A concepção exógena “recobre todos os processos de etiquetagem e de rotulação”¹⁶. Em nossa sociedade, rotulação e etiquetagem referindo-se a práticas sociais e mais ainda a pessoas, constituem-se como aspectos depreciativos, são discursos que, reiterados cotidianamente podem ser aceitos sem questionamentos e, com isso, transformados em “verdades”. Essas etiquetagens e rotulações podem conduzir a um processo de encadeamento e gradação e consiste em um realce, elemento que se sobrepõe a outros e pode ser descrito em uma pessoa ou grupo e, nessa vertente compreende-se que “o domínio do realce de uma identidade étnica é delimitado pelas múltiplas fontes dos estereótipos pelos quais os membros de uma sociedade definem as pessoas e as situações”¹⁷. Essas rotulações e etiquetagens atribuídas a Renato possuem um valor de inferioridade, o que passaria a ser uma qualificação positiva se fosse esse um sujeito branco, heterossexual e rico ou de classe média, o que, possivelmente não precisaria ser atribuído, visto que essas características representam a referência determinada pela norma.

A norma é a causa de tais classificações dadas a Renato. O fato de ser chamado de preto, viado e pobre o torna diferente; não podendo esquecer que essas atribuições são construções culturais, um objetivo eminente que consiste em estabelecer hierarquizações. Porém, essas etiquetagens têm sido contestadas em vários espaços sociais e, principalmente na academia, onde se tem proliferado vertiginosamente, nos últimos anos, estudos relacionados ao tema. No sentido de contestar valores hegemônicos, é importante lembrar que a norma social pode ser modificada:

De fato, a norma só persiste como norma enquanto é atualizada na prática social e reidealizada e reinstituída durante e ao longo dos rituais sociais cotidianos da vida corporal. A norma não possui um estatuto ontológico independente, mas não pode ser facilmente reduzida a sua corporeificação, meio dos atos que se esforçam para se aproximar dela, por meio de idealizações reproduzidas nos e por seus atos.¹⁸

¹⁵ GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 29, nº 1, jan./jun. 2003. p. 97-103.

¹⁶ POUTGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

¹⁷ Idem.

¹⁸ BUTLER, Judith. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu* (42). Jan./jun. 2014. p. 262.

Pensando nessas classificações que distanciam Renato da norma imposta pela sociedade ocidentalizada na qual vivemos, devemos problematizar sob quais verdades esses estereótipos foram construídos, como se tornaram discursos, suspeitando dessas verdades.

Ser negro em nossa sociedade ainda é tido como uma identidade à margem. Sabemos que a população negra do Brasil é originária a partir de diferentes grupos étnicos africanos que foram capturados e trazidos forçadamente para este país na condição de escravos. Para a manutenção da população negra na condição de escravos e subservientes construiu-se um imaginário em torno do ser negro tendo como parâmetro a cultura branca eurocêntrica. Ser negro foi associado à selvageria, ao primitivismo, a culturas entendidas como atrasadas, a uma sexualidade desregrada e excessivamente aflorada.¹⁹ Em outras palavras:

Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente o corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto e fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelos, feições, odores); os músculos ou força física, o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus da sensibilidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco.²⁰

Esses estereótipos em torno do negro também afetam Renato que é visto nesse lugar de hipersexualização e, no caso da intersecção com sua homossexualidade, isso se intensifica mais ainda, pois há uma objetificação maior do seu corpo. É o gay desejado para o sexo no imaginário do branco, contudo, nem sempre é pensando como aquele para as relações afetivas mais duradouras.

Sobre as suas condições socioeconômicas, Renato é um garoto oriundo de família não privilegiada economicamente. Sua mãe e seu pai se divorciaram quando ele tinha 2 anos. Sua mãe tem ensino fundamental incompleto (oitavo ano), e quando era pequeno, ela trabalhava como empregada doméstica, sendo muito difícil encontrar emprego com carteira assinada. Enquanto sua mãe trabalhava, ele, aos sete anos, além de estudar, já cuidava da casa e dos seus três irmãos. Aos treze anos Renato mudou-se com a mãe e mais seus quatro irmãos para Jequié, cidade de médio porte do interior da Bahia. Como uma boa parte da população brasileira de baixa renda, Renato precisou se lançar muito cedo ao mercado de trabalho.

Comecei a trabalhar ainda com quinze anos, sendo o primeiro emprego em um

¹⁹ SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do "ser negro": um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo: Educ/ Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

²⁰ PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? *Revista Democracia viva*. Nº 22, 2004, p. 67.

salão de beleza, que teoricamente seria um turno, porém como trabalhava no período da tarde ficava conseqüentemente até tarde da noite em dias que a movimentação no local era extensa, até meia noite. No referido salão exercia funções básicas como lavar cabelos de clientes e em tempos vagos fazer a limpeza. Porém durante o tempo em que fiquei naquele ambiente, aprendi e comecei a exercer várias funções relacionadas a cabelo como, por exemplo, aplicar química, fazer escovas, entre outras (Renato).

Renato passou a trabalhar com quinze anos. Estudava pela manhã e trabalhava pela tarde. No local de trabalho fazia diferentes funções a fim de atender os propósitos de quem o contratou. Este emprego era mais informal, já que ganhava pouco e não tinha um horário certo para sair. Ele desejava um emprego melhor e com salário integral. Até chegar aos dezoito anos, passou por três empregos. No último trabalho ele já era auxiliar administrativo, mas pediu demissão, pois desejou voltar ao Rio de Janeiro para conquistar novos ideais.

“A homossexualidade foi uma das coisas que mais me perturbavam”: tensões frente à homossexualidade

Em suas narrativas Renato conta as dificuldades que teve para entender a homossexualidade, inclusive, por vezes, ele a rejeitou.

Comecei a perceber minhas tendências homossexuais por volta dos sete a oito anos, claro que no início eram somente desejos e eu não sabia realmente por que aquilo estava me acontecendo, e se era normal. E eu me perguntava: Será que isso acontece a todos em sua infância ou eu sou doente? Por vários anos a homossexualidade foi uma das coisas que mais me perturbavam, pois meu pai era extremamente homofóbico. Eu mesmo assistia de camarote quando na casa dele, as agressões verbais que ele praticava juntamente com o resto da família a um tio homossexual que tenho, apelidado de Dinho. E minha mãe não deixava por menos, também diariamente entupia meus ouvidos com comentários homofóbicos sobre gays que passavam na tevê, na rua, ou em qualquer lugar em que estivéssemos presentes (Renato).

Renato vai se construindo à medida que, simultaneamente, vai presenciando as atitudes do pai em menosprezar e xingar o tio homossexual, as práticas de preconceito e discriminação da mãe que, influenciada pelo pai e pautada no discurso da igreja, se encarregava de “entupir” os seus ouvidos com comentários negativos sobre gays que passavam na tevê, na rua, ou em qualquer lugar onde quer que eles dois estivessem presentes, sem falar no “resto da família” que também hostilizava seu tio que era gay. Renato era bombardeado pela linguagem. A família de Renato vai lhe prevenindo insistentemente que a homossexualidade é ruim, feia, ridícula, doentia, pecaminosa e demoníaca. Ela vai reiterando as normas a todo instante. É nesse ambiente permeado de

heteroterrorismo²¹ formatado pelos insultos, hostilizações, hierarquizações e xingamentos que ele passa a se perceber, homossexual. Talvez, um dos grandes problemas da pessoa gay consiste no fato dela raramente crescer em uma família gay, ao contrário de outras identidades que possuem uma identificação linear com sua ancestralidade, por isso, as dificuldades de gays tornam-se peculiares e maiores, pelo fato de que eles:

[...] estão expostos à alta homofobia ambiente de suas culturas, quando não à da cultura de seus pais, desde muito antes que eles mesmos ou aqueles que cuidam deles descubram que eles estão entre aqueles com maior urgência precisam definir-se contra; que têm que construir, com dificuldade e sempre tardiamente, a partir de fragmentos, uma comunidade, uma herança utilizável, uma política de sobrevivência ou resistência.²²

Diante de tantas recomendações e prescrições, não poderia ser esperado de Renato outra alternativa que não fosse a de se questionar se ele é uma pessoa normal por causa de seus desejos e se ele estava doente. Quando Renato questiona se ele é normal ou doente por causa de seus desejos, ele já havia sido convencido por meio dos discursos da família que existe um sujeito normal e sadio, que é o heterossexual, que serve como referência, por isso está no centro, em oposição a um sujeito anormal, doente, o homossexual, que está à margem e, portanto, é um abjeto.

Esses discursos sobre a homossexualidade datam do século XIX e prevaleceram durante muito tempo e só bem recentemente passaram a receber outros contornos.

Transformada numa anormalidade, a homossexualidade foi, durante um século, combatida ao mesmo tempo como doença, vício, crime e pecado. Não foi senão muito recentemente que a homossexualidade cessou de ser considerada como um problema mental, com a decisão, em 1973, da Associação dos psiquiatras americanos de retirá-la da lista das doenças mentais. Até 1975, as sociedades de psicanálise não aceitavam homossexuais como psicanalistas. E foi apenas em 1991 que a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da lista das doenças.²³

No imaginário social ainda há uma localização da homossexualidade em um desses campos de conhecimento. Não raro ouvimos de pessoas que o gay é doente, vai para o inferno porque pratica a sodomia, está possuído por um demônio, sofre de um distúrbio mental, é um viciado do

²¹ BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos feministas*. Florianópolis, maio/agosto 2011. p. 549-559.

²² SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-julho de 2007. p. 40.

²³ SOUSA FILHO, Alípio de. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Ministério da Educação. Brasília, 2009, p. 95.

sexo e, por tudo isso precisa ser tratado. Os discursos sob os quais Renato era submetido cotidianamente o influenciaram tão fortemente que ele também mencionou que “a homossexualidade não era uma coisa que eu estava disposto a aceitar assim de cara”. Os conflitos, as tensões e inquietações o rondavam e a homossexualidade era como um fantasma que o perseguia. Ele ainda não sabia lidar com tudo isso.

À medida que foi crescendo, já adolescente, Renato já estava morando no interior da Bahia e frequentava uma escola pública municipal. Ainda tinha dificuldades em se compreender. Ele narra que, em alguns momentos tentava modificar seu jeito com a finalidade de se masculinizar para esconder a sua orientação sexual. Depois de algum tempo, parou de brigar consigo mesmo, ao investigar na *internet* sobre o significado de ser um homossexual.

Após minha chegada e depois de ter entrado em um período de aceitação própria eu comecei a estudar aqui na Bahia. Só que pra não passar os mesmos tormentos que eu passava no Rio, decidi que queria me masculinizar pra esconder ao máximo minha orientação sexual. Por causa dessas e outras meu guarda roupa passou a ter somente roupas conhecidas como uniforme de marginal, como por exemplo: marcas marginalizadas pela sociedade como, blusão da Adidas, shorts de veludo da Ciclone e coisas do tipo e as novas amizades passaram também a ser pessoas com este mesmo perfil. Afinal, de acordo com o estereótipo da sociedade uma pessoa marginalizada não pode ser gay, não vou dizer que vice-versa porque em outras localidades somos vistos como a babilônia em pessoa, ou seja um "marginal" não poder ser gay, mas existem lugares onde gays são vistos na maioria das vezes como marginais pelo fato de alguns da comunidade LGBT recorrerem às drogas como a única porta de fuga de seus problemas, assim acham que se esquecendo dos problemas, os mesmos serão resolvidos e, na maioria das vezes, sempre acabam fazendo das drogas sua única *vibe* até falecerem. Durante um tempo tudo estava dando certo, mas novamente o problema estava em mim. Não me sentia nem um pouco confortável naquela situação, fingindo ser quem não era! Quando comecei a me sentir assim aconteceu uma greve nos colégios municipais aqui na cidade que duraram quase três meses e eu aproveitei esse tempo para me isolar completamente de todos. O único contato que eu tinha com a vida lá fora era pela internet, onde ninguém iria saber se eu era preto ou branco, gay ou hétero, cristão ou ateu, nada disso ninguém saberia a não ser que eu quisesse me expor. A internet era e é até hoje pra mim um lugar onde eu não tenho limites, onde eu viajo sem sair do quarto, onde eu posso entrar e sair de onde quiser. Durante esses meses pude refletir muito sobre tudo o que me perturbava, foi como se eu tivesse passado por uma máquina e saído do outro lado completamente informado, sobre inúmeros tipos de assuntos. Tinha conhecido muitas coisas que não fazia nem noção que existiam, é como se eu estivesse dentro de uma bolha no espaço e de repente essa bolha tivesse estourado e eu simplesmente tivesse caído em um buraco sem fundo cheio de informações. Quando as aulas retornaram eu simplesmente saí do meu quarto com outra visão de tudo, já nem lembrava mais que eu tava ali e que eu conhecia aquelas pessoas, foi tudo muito rápido e de uma hora pra outra. Minha vida tinha mudado, meus gostos tinham mudado. Tudo tinha ficado diferente. Nos primeiros meses do retorno às aulas eu comecei a sofrer as mesmas chacotas que sofria no Rio, porém agora eu já estava com o cabelo enorme, me davam apelidos

de cachinhos dourados quando eu passava na rua, pois tinha pintado o cabelo de loiro. Perguntavam indiscretamente sobre minha orientação sexual com o propósito, na maioria das vezes, de me deixar constrangido. Outros gays também faziam resenhas comigo, coisas do tipo: a hétera, a incubada, a nárnica, a machinho, entre várias outras coisas. Só que dessa vez tudo foi diferente, eu já não me incomodava mais em relação aos apelidos e de vez em quando eu até ajudava fazendo alguma gracinha para o povo rir mais. É como se fosse tipo: quer rir, então sorria, pois eu não ligo! E realmente já não ligava mais, estava decidido que eu gostava de homens, e que não ia tentar mudar pra ver ninguém feliz, eu tinha que pensar na minha felicidade primeiro! Nunca me vi sendo protagonista da tão falada família tradicional brasileira (Renato).

As experiências de Renato na cidade onde nascera foram complicadas: família, igreja e escola juntas se encarregavam de fazê-lo se sentir um ser estranho. Ao chegar aqui na Bahia, passa a construir estratégias para não continuar sendo vítima da homofobia praticada principalmente por colegas da escola. Esse desconforto é causado sempre por qualquer pessoa que não vive de acordo com as normas sociais, e é por isso que pessoas gays encontram dificuldades em uma sociedade em que a única relação amorosa aceitável é a heterossexual. Geralmente, a cada ambiente frequentado, quer seja escola, trabalho, ou quaisquer outros espaços sociais, a pessoa encontra problemas. Na tentativa de não sofrer discriminação, há artifícios vários, desde a recusa em frequentar esses espaços até situações em que se a pessoa procura disfarçar a maneira de andar, de falar, de gesticular. São os armários criados com a finalidade de se defender, que, muitas vezes não funcionam.

A primeira estratégia utilizada por Renato para resistir aos assédios consistiu em se masculinizar: “com receio de passar os mesmos tormentos que eu passava no Rio, decidi que queria me masculinizar pra esconder ao máximo minha orientação sexual”. As experiências no Rio de Janeiro marcaram Renato de uma maneira tão cruel que ele não queria mais ser ele. No intuito de resistir aos assédios, ele vai optando por tentar ser outra pessoa, incorporar outro sujeito, atitude que não é só para não levantar suspeitas sobre sua orientação sexual, mas também para ser a pessoa que os outros desejavam que ele fosse.

A mudança no jeito de se vestir é o primeiro artifício utilizado para forjar-se, pois Renato diz que, para a sociedade, alguns estilos e marcas de roupas anunciam sobre a sexualidade da pessoa, ou seja, a roupa também constrói a sexualidade. Aliada a essa produção, era necessário ainda escolher amizades com o perfil que o distanciasse da identidade homossexual. Com esses investimentos, Renato tenta demonstrar que havia se tornado heterossexual, pois a roupa e os amigos teriam o poder de aprisionar seus desejos e, com isso, as pessoas não duvidariam da sua heterossexualidade.

Para Renato, a sociedade constrói o estereótipo de que os homens marginais não podem ser gays e, por isso, ao Renato retirar de si as marcas da feminilidade e se tornando um garoto marginal com blusão da Adidas e shorts de veludo da Ciclone, ele se tornaria também heterossexual. Nesses casos em que o sujeito procura se afastar de sua originalidade por causa da discriminação, ocorre que:

[...] o discriminado pode entrar num processo de vigilância completa consigo mesmo numa busca inglória do jeito de ser homem ao extremo e que agrade a todos. Vai se afastando cada vez mais de sua originalidade, do seu jeito de ser, para adquirir outra identidade, a de “homem”, exigida por todos ao seu redor, que nasce fora do sujeito e é incorporado como se fosse uma roupa, uma máscara²⁴ (grifo do autor).

De fato, é uma luta inglória, pois essa roupagem não surtiu um efeito positivo em Renato, que, ao mascarar-se, fingindo ser quem não era, experiência que causou desconforto, levou-o a refletir depois de algum tempo: “novamente o problema estava em mim”. O problema é que tudo não passava de um esconderijo, consistia numa maneira de se esconder para agradar aos outros e também para não ser mais visto como estranho, esquisito, para não ser hostilizado e agredido.

Uma extensa greve na educação municipal foi o momento propício para Renato se enclausurar. Nesse período, ele ocupou seu tempo livre para se familiarizar mais com a *internet*, e ele relembra que esse seria um local “onde ninguém iria saber se eu era preto ou branco, gay ou hétero, cristão ou ateu, nada disso ninguém saberia a não ser que eu quisesse me expor”. A partir do momento em que entrasse nesse neste espaço virtual, onde não há fronteiras, teria acesso a múltiplas informações, escolheria as amizades e seria aceito, reconhecido, o que não aconteceria no mundo lá fora, distante das telas do computador. No mundo exterior à *internet* teria que fazer negociações para se comunicar, relacionar-se com outras pessoas, pois é nesse mundo real onde o “regime de verdade fornece um quadro para a cena de reconhecimento, delineando quem será classificado como sujeito de reconhecimento e oferecendo normas disponíveis para o ato do reconhecimento”²⁵.

A *internet* ofereceu para ele uma liberdade jamais imaginada, sem limites. Nesse ambiente virtual, ele poderia se conectar com o mundo sem que precisasse se submeter às tensões com as quais havia passado; sem que precisasse explicar quem era. De repente era ele fazendo escolhas sem que alguém pudesse julgá-lo. Não precisava se justificar pelo fato de ser quem era: poderia ser

²⁴ FERRARI, Anderson. E quando as homossexualidades invadem a escola? In: MARQUES, Luciana Pacheco e MARQUES, Carlos Alberto (org.). *[Re]significando o outro*. Juiz de Fora – MG: Ed. UFJF, 2008.

²⁵ BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Rio de Janeiro/São Paulo: Autêntica, 2015.

ao mesmo tempo tudo, qualquer coisa que lhe interessasse; a internet lhe ofereceu essas possibilidades. Esta é outra viagem, diferente das anteriores, pois trata-se de uma viagem pelo mundo ilimitado da *internet*, ao mesmo tempo em que é uma viagem interior em que ele se permite parar para pensar sobre si mesmo.

Nesse período, Renato embarca numa viagem à procura de subsídios para se descobrir, para ter certeza do que ele é, para ir se construindo, sendo, portanto, um tempo de pesquisas, estudos e reflexões: “pude refletir muito sobre tudo o que me perturbava, foi como se eu tivesse passado por uma máquina e saído do outro lado completamente informado, sobre inúmeros tipos de assuntos”. Nesse enunciado, não acontece apenas uma informação, trata-se de uma formação, mais que isso pode ser anunciado que houve uma apropriação da própria vida. Fato que se dá quando a pessoa pensa sobre si mesma, pensa seu lugar no mundo e suas relações sociais. Dizendo de outra forma, “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”²⁶ e, esse saber extraído da experiência com a internet faz com que Renato apreenda sua própria vida olhando-a de outra forma, por isso não se trata apenas de uma informação, mas de formação, pois é um rito de passagem, que pode ser assim explicado:

A experiência é um passo, uma passagem. Contém o “ex” do exterior, do exílio, do estranho, do êxtase. Contém também o “per” de percurso, do “passar através”, da viagem, de uma viagem na qual o sujeito da experiência se prova e se ensaia a si mesmo. E não sem risco: no *experiri* será o *periri*, o *periculum*, o perigo. Por isso o relato da trama de formação é uma aventura que não está normatizada por nenhum objetivo predeterminado, por nenhuma meta²⁷ (grifos do autor).

Ao se olhar de outro jeito, Renato olha para o mundo a sua volta também de uma outra maneira: “Quando as aulas retornaram eu simplesmente saí do meu quarto com outra visão de tudo, já nem lembrava mais que eu tava ali, e que eu conhecia aquelas pessoas, foi tudo muito rápido e de uma hora pra outra. Minha vida tinha mudado, meus gostos tinham mudado. Tudo tinha ficado diferente”. O quarto de Renato pode ser entendido como um armário, metáfora empregada definidora da opressão gay no século XX, mas que na atualidade é atribuída a outras situações. No caso de Renato, podemos pensar o armário fazendo uma analogia com o quarto, como um paradoxo, pois o quarto é o espaço que bloqueia seu contato com o mundo exterior, no entanto, por meio do contato virtual ele se exterioriza com outros mundos.

O binômio estar dentro ou fora do armário relaciona-se também ao público e privado, embora seu significado maior esteja relacionado ao universo homossexual, a assumir-se gay. Nesse

²⁶ LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiências*. 1 ed.; 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

²⁷ Idem.

sentido, enquanto Renato está no armário – o quarto – ele se distancia desse lugar por meio das redes sociais e outros aplicativos disponibilizados pelo computador. O estar no armário pode ser verificado ainda quando, ao acabar a greve, ele novamente é hostilizado, principalmente por outros gays quando o apelidavam de “a hétera, a incubada a Nárnia, a machinho”. Os quatro codinomes que os meninos gays atribuíram a Renato apresentam informações muito interessantes que precisam ser exploradas. As expressões “a hétera” e “a machinho” são neologismos, construídos a partir de seus pares no masculino. Como Renato havia investido no corpo a partir do cabelo deixando-o grande, porém sem ainda ter saído do armário, os outros gays passaram a nomeá-lo a partir das normas de gênero e sexualidade borrando-as com o uso do artigo “a”, ou seja, o viado que quer ser visto como heterossexual ou masculino e não como feminino. Quanto à palavra incubada, esta é pertencente ao vocabulário regional e está relacionada ao universo gay. Com relação ao nome Nárnia, este foi tomado emprestado da literatura inglesa e estabelece uma estreita ligação com a situação de estar dentro ou fora do armário nesse universo homossexual.

Um dos aspectos mais curioso nesses xingamentos era saber qual seria a relação de Nárnia com a epistemologia do armário²⁸. Muitas vezes relacionamos fatos, lugares e pessoas do nosso cotidiano com ficções e esse embaralhamento entre ficção e realidade foi encontrado em *Crônicas de Nárnia*²⁹ para compreender o apelido atribuído ao garoto. O livro é destinado ao público infanto-juvenil. Nárnia é um lugar fantástico povoado por seres incríveis onde tudo pode acontecer. Nesse lugar, crianças do mundo real adentram em um mundo nunca antes explorado por outras pessoas através de um guarda-roupa do casarão antigo onde vivem. Lá elas vivem muitas experiências. O mundo de Nárnia invadido pelas crianças pode ser considerado uma fuga do mundo real. Em algumas histórias, as crianças que as protagonizam muitas vezes trazem personagens desse mundo fabuloso para o mundo real e isso acaba desestabilizando a rotina das pessoas que vivem no mundo comum da realidade.

Essa obra ficcional do escritor Clive Staples Lewis é composta por sete livros; O segundo livro intitulado *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* apresenta a história de dois meninos e duas meninas que tiveram de sair de Londres por causa da guerra e vão morar num casarão situado no campo, cujo proprietário é um velho e solteiro professor. As quatro crianças, o professor e mais três criadas compartilham do mesmo espaço de moradia. Após o jantar, as crianças decidem andar pelo imenso casarão para explorar seus vários cômodos e corredores e descobrem uma sala onde há apenas um imenso guarda-roupa antigo com um espelho na porta. Todos se dirigem aos seus

²⁸ SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-julho de 2007. p. 19-54.

²⁹ LEWIS, Clive Staples. *Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

quartos para dormir, com exceção de uma das meninas, Lúcia, que permanece no local e entra rapidamente no móvel, atraída pelo cheiro dos casacos longos confeccionados de peles de animais que havia ali dentro. No fundo do guarda-roupa há outra porta que dá acesso a um mundo fantástico e Lúcia, interessada em investigar o que existe naquele lugar, aventura-se a percorrer os caminhos misteriosos e incertos que estão por trás daquela porta.

Dois trechos interessantes da história acontecem quando o narrador dá ênfase ao ato de Lúcia decidir não fechar o guarda-roupa. O primeiro trecho diz o seguinte: “Não fechou a porta, naturalmente: sabia muito bem que seria uma tolice fechar-se dentro de um guarda-roupa”³⁰. O segundo trecho assim é narrado: “Naturalmente, deixara a porta aberta, porque bem sabia que é uma estupidez uma pessoa fechar-se num guarda-roupa”³¹.

Essas duas passagens do texto são apreendidas metaforicamente pelos meninos gays para se referirem a Renato chamando-o de Nárnia. A força dos dois enunciados presentes nos respectivos trechos do texto “seria uma tolice fechar-se dentro de um guarda-roupa” e “é uma estupidez uma pessoa fechar-se num guarda-roupa”, é transportada a Renato, compreendido para os outros meninos gays que vivem publicamente sua orientação sexual, como tolo e estúpido ao ficar no armário. Nesse sentido, ao se referirem a Renato empregando esse nome, estão convocando-o a se assumir como gay, a sair do armário, porque é tolice e estupidez ficar nele. Para esses meninos, ficar no armário significa fingir ser quem não é. Nesse jogo entre ficar e sair do armário, o homossexual tende a experimentar um conflito, visto que as duas possibilidades de viver são inseguras, não podem ser consideradas atitudes fáceis. Nessas incertezas, “a imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como uma certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário”³².

Como os outros meninos haviam se assumido, eles se sentem autorizados a convocar Renato a fazer parte de seu grupo, pois a produção corporal do garoto desenhava que ele não correspondia ao modelo de um jovem heterossexual, assim era necessário que Renato se posicionasse e saísse desse não-lugar em que se encontrava e se aproximasse daqueles que eram seus iguais. Por outro lado, de alguma forma, seus amigos estavam defendendo uma determinada forma de vivenciar a homossexualidade que se distanciava do modelo de homem heterossexual, especialmente, os garotos marginais.

³⁰ Idem.

³¹ Ibidem.

³² SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-julho de 2007. p. 27.

Nessa nova fase, ao retornar seu contato com o mundo exterior, Renato havia investido em sua produção corporal usando cabelos longos e pintados de loiro, performance que lhe rendeu também o apelido de cachinhos dourados. Essa produção o classificava, levava-o para a margem, mas, dessa vez ele era outro Renato, ressignificado e constituído por meio da experiência proporcionada pela navegação virtual. Nesse caminho em que Renato se ressignifica, as suas experiências fazem com que ele sinta necessidade de sair do armário e, ele o faz: “ estava decidido de que eu gostava de homens e, que não ia tentar mudar pra ver ninguém feliz, eu tinha que pensar na minha felicidade primeiro! Nunca me vi sendo protagonista da tão falada família tradicional brasileira”. Com isso, Renato se repensou e se ressignificou.

Considerações finais

Concluimos essa tessitura muito mais com inquietações do que com respostas. As experiências relatadas pelo entrevistado nos conduzem a pensar nas suas tensões, tentativas de fugir de si mesmo e os disfarces são consequências das normas sociais que regulam as sexualidades, os gêneros, classificam as pessoas pela raça/etnia e classe social. Eram fugas, mas ao mesmo tempo, mecanismos de resistência utilizadas por quem sempre era colocado à margem.

Nossas argumentações consistiram em elucidar que todas as práticas discursivas que levavam Renato à fronteira, ao rechaço social, são pertencentes de um contexto social, de um lugar, de uma época, de um pensamento estrategicamente construído em função de uma hegemonia que pretende continuar mantendo o padrão como tem sido ao longo dos séculos.

No entanto, precisamos deslocar o que aparentemente parece estar no lugar. Quando presenciamos discursos pautados na heteronormatividade e no etnocentrismo, precisamos questioná-los porque eles dizem de quem está na fronteira, mas também dizem de quem aparentemente está no centro. O binômio fronteira social e centro não é estático nem intransponível, são elementos frágeis porque dependem não apenas do marcador social, mas sobretudo do realce desse marcador no grupo social ou étnico em que ele se apresenta.

Tendo em vista que é necessário alargar nosso pensamento, reforçamos que é necessário perguntar sempre por que as coisas são desse jeito e não de outro, por exemplo; o que nos leva a agir dessa e não de outra forma. Finalizando, problematizar as normas sociais pode ser uma prática pois nos ajuda a entender a lógica das hierarquizações e das relações de poder existentes em nosso cotidiano e a contestá-las.

Referências

- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos feministas*. Florianópolis, maio/agosto 2011. p. 549-559.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. *Cadernos pagu* (42). Jan./jun. 2014. p. 249-274.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Rio de Janeiro/São Paulo: Autêntica, 2015.
- CORREA, Lisete Bertotto. *A exclusão branda do homossexual no ambiente da escola*. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003.
- CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Cruzamento: raça e gênero*. s/d. p. 7-16.
- FERRARI, Anderson. E quando as homossexualidades invadem a escola? In: MARQUES, Luciana Pacheco e MARQUES, Carlos Alberto (org.). *[Re]significando o outro*. Juiz de Fora – MG: Ed. UFJF, 2008.
- GASTALDO, Denise. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teórica metodológica nos estudos pós-críticos. In: MEYER, Dagmar Estermann e PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Maza Edições, 2014.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 29, nº 1, jan./jun. 2003. p. 97-103.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER; Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiências*. 1 ed.; 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LEWIS, Clive Staples. *Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... *Educação, Sociedade & Cultura*. Nº 25, 2007. p. 235-245.
- LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 30 de março de 2017.
- PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? *Revista Democracia viva*. Nº 22, 2004, p. 67.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e*

suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: editora UNESP, 2011.

RAMIRES NETO, Luiz. *Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo*. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo. 2006.

SANTOS. Gislene Aparecida dos. *A invenção do "ser negro": um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo: Educ/ Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-julho de 2007. p. 19-54.

SILVA, Fernando. Guimaraes Oliveira da. *Vozes (des)veladas... Memórias de homossexuais sobre práticas escolares*. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 2015.

SOUSA FILHO, Alípio de. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Ministério da Educação. Brasília, 2009, p. 95.

Rita de Cássia Santos Côrtes: Professora da Educação básica do Estado da Bahia e do município de Jequié. Graduada em LETRAS, Licenciatura em LETRAS com habilitação em língua portuguesa e inglesa. Especialização em Literatura e Ensino de Literatura, Especialização em Leitura, Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Marcos Lopes de Souza: Possui Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo - FFCLRP (1995-1998) tendo realizado Iniciação Científica sob orientação da Profa. Dra. Eda Therezinha de Oliveira Tassara e co-orientação da Profa. Dra. Silvana Aparecida Pires de Godoy. É mestre (1999-2002) e doutor (2002-2007) em Educação pelo PPGE da Universidade Federal de São Carlos sendo orientado pela Profa. Dra. Denise de Freitas. Realizou estágio de pós-doutorado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2014-2015) sob a supervisão do Prof. Dr. Anderson Ferrari. É professor titular do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié-BA. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UESB. É professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPG-REC), ambos da UESB, campus de Jequié-BA. Tem experiência na área de Educação, atuando como pesquisador e extensionista, especialmente nos seguintes temas: ensino de ciências e biologia; diversidade de gênero, sexual, étnico-racial e educação; formação docente e as questões de gênero e sexualidade; a interface entre sexismo, racismo e homofobia nas escolas.

Artigo recebido para publicação em: Maio de 2019.

Artigo aprovado para publicação em: Junho de 2019.